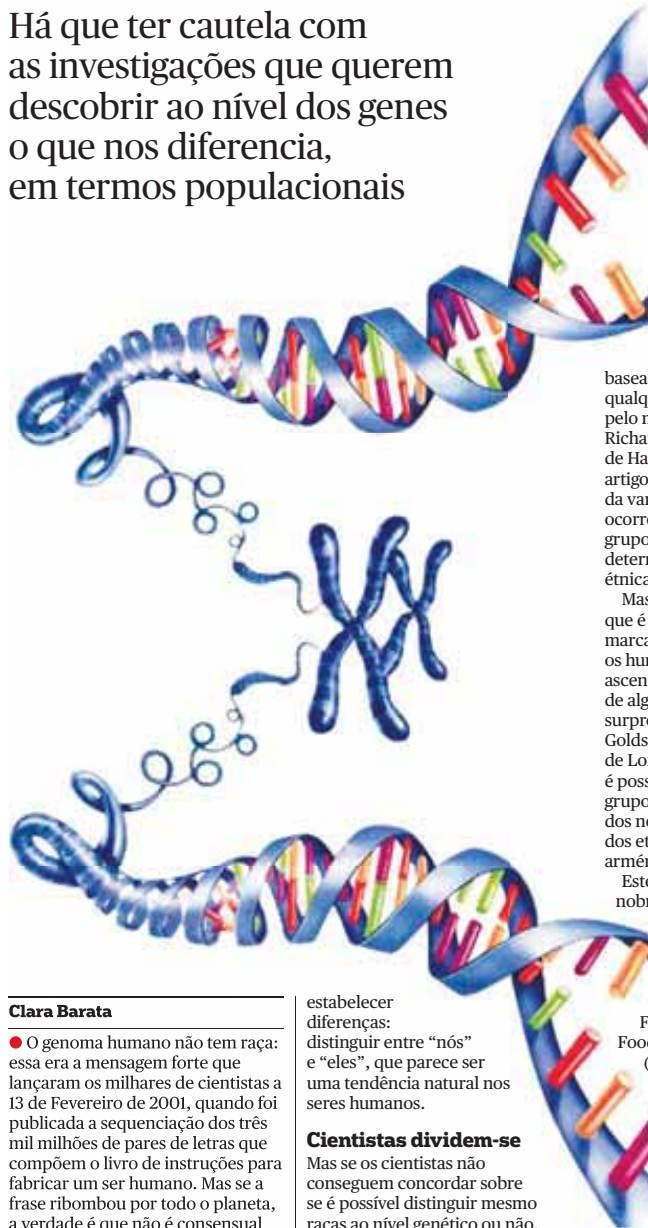


Há que ter cautela com as investigações que querem descobrir ao nível dos genes o que nos diferencia, em termos populacionais



Cientistas publicam os dez mandamentos sobre a raça

de uma coisa estão certos: as divisões tradicionais, baseadas na cor da pele, não fazem qualquer sentido. Isso sabem-no pelo menos desde 1972, quando Richard Lewontin, da Universidade de Harvard, demonstrou num artigo científico que a maior parte da variação genética humana ocorre entre indivíduos, e não entre grupos de humanos que partilhem determinadas características étnicas.

Mas há cientistas que defendem que é possível utilizar alguns marcadores genéticos para dividir os humanos consoante a sua ascendência - embora os resultados de algumas experiências sejam surpreendentes, como a de David Goldstein, do University College de Londres, que descobriu que é possível inserir num mesmo grupo - ou raça - a maior parte dos noruegueses, 62 por cento dos etíopes, judeus Ashkenazi e arménios.

Estes cientistas têm objectivos nobres - por exemplo, descobrir a que doenças as pessoas são geneticamente mais susceptíveis, e desenvolver testes genéticos e tratamentos mais adequados. Foi essa a ideia que levou a Food and Drug Administration (a agência que regula os alimentos e os medicamentos nos EUA) a autorizar, em 2005, a comercialização do medicamento BiDil especialmente para os negros americanos com doenças cardíacas, por parecer ser mais eficaz



Os gémeos Ryan e Gerth nasceram há nove dias

neste grupo - embora o porquê não fosse claro.

Só que há cientistas que não vêem utilidade em tentar dividir os seres humanos em grupos - e defendem que categorizações baseadas em diferenças genéticas serão arbitrárias. A equipa que elaborou estes dez mandamentos concorda: "Dar demasiado relevo à contribuição genética para doenças humanas complexas ou comportamentos pode promover

o racismo", escrevem os cientistas na *Genome Biology*.

E há que reflectir nos caminhos por que segue a investigação, para impedir o desenvolvimento de ideias racistas, sublinham os cientistas, logo no primeiro mandamento: "A igualdade de direitos de todos os seres humanos é uma afirmação moral inquestionável, que não pode ser posta em causa por descobertas científicas descritivas."

Clara Barata

● O genoma humano não tem raça: essa era a mensagem forte que lançaram os milhares de cientistas a 13 de Fevereiro de 2001, quando foi publicada a sequência dos três mil milhões de pares de letras que compõem o livro de instruções para fabricar um ser humano. Mas se a frase ribombou por todo o planeta, a verdade é que não é consensual entre os cientistas. Após muitos anos de discussão, uma equipa de cientistas ligados à Universidade de Stanford, na Califórnia, acaba de publicar os "dez mandamentos" para o uso de categorias raciais nos estudos de genética humana.

Afastar os fantasmas do racismo ao mesmo tempo que se estabelecem linhas éticas orientadoras da investigação científica é o objectivo deste grupo de cientistas que publica esta proposta na revista científica *Genome Biology*.

"O gene é um ícone poderoso na imaginação popular e é muitas vezes entendido - mal - como sendo determinista e imutável. Mais, a história lembra-nos que a ciência pode ser facilmente usada para justificar estereótipos raciais e políticas racistas", escreve a equipa. Entre outros nomes sonantes que assinam o artigo está Luigi Cavalli-Sforza, uma referência no estudo da genética humana e no desenvolvimento da ideia de que não há grandes diferenças entre as raças humanas, e de que a própria ideia de "raça" não tem sentido em termos biológicos.

A genética e o racismo têm uma relação longa e atribulada - que é anterior até à invenção da ciência genética. Isto porque as diferenças no aspecto dos seres humanos - a cor da pele, a forma dos olhos, a altura e a constituição física - sempre serviram aos homens para

estabelecer diferenças: distinguir entre "nós" e "eles", que parece ser uma tendência natural nos seres humanos.

Cientistas dividem-se

Mas se os cientistas não conseguem concordar sobre se é possível distinguir mesmo raças ao nível genético ou não,

Os mandamentos

1. Todas as raças são iguais, não há nenhuma base científica para dizer que uma é superior a outra.
2. Dois portugueses podem ter mais diferenças genéticas entre si do que em relação a um chinês: não há uma relação entre a variação genética e a distribuição geográfica.
3. Os genes não definem toda a ascendência de uma pessoa: factores como a cultura e os factores sociopolíticos da sociedade em que se insere podem ser ainda mais importantes.
4. Membros do mesmo grupo étnico ou raça podem ter uma genética muito diferente - há várias populações diferentes que cabem na classificação de "hispânicos", por exemplo.
5. Características comportamentais completas, como os níveis de inteligência ou a tendência para actos violentos, não se podem explicar apenas pela genética.
6. Os cientistas devem ter muito

cuidado ao usar grupos raciais para fazer investigação; podem estar apenas a usar estereótipos, e não categorias válidas.

7. A medicina deve concentrar-se no estudo das características de cada indivíduo, e não na sua raça. É uma ideia simplista dizer que a saúde é determinada apenas pelos genes e pode contribuir para atitudes racistas.

8. Os estudos sobre variação genética humana devem ter a contribuição de várias áreas do conhecimento, da biologia à economia e às ciências sociais.

9. Cientistas, jornalistas e outras pessoas com responsabilidades na divulgação da investigação científica devem ter cuidado com simplificações que podem ser usadas para determinados objectivos políticos.

10. Os programas escolares devem incluir não só o estudo da genética como o da história do racismo, para explicar como a ciência já foi usada para promover ideias racistas.

Museu Nacional de Arqueologia

Casa - Museu Dr. Anastácio Gonçalves

Museu Nacional de Arte Antiga

5.ª à Noite nos Museus
Verão 2008

17 de Julho a 4 de Setembro
Museus abertos até às 23h00

Consulte a programação em www.lmc-lp.pt

Museu Nacional do Azulejo